

# DESEFILE

EDIÇÃO  
**21**  
ANOS

**GENTE**  
ANGELA LEAL  
BRUACA COMO  
TANTAS MARIAS  
ALMIR SATER  
COMO O  
DIABO GOSTA

**A DIETA  
IDEAL**  
EMAGREÇA COM  
A ALIMENTAÇÃO  
CERTA PARA SEU  
MODO DE VIDA

**DIET**  
O QUE É ISTO?

**SEGURANÇA**  
UM GUIA  
CONTRA A  
VIOLÊNCIA

UMA VIAGEM DE  
SONHO

**PANTANAL**

**A MODA  
VERÃO 91**

COM O ESTILO  
SELVAGEM DE JUMA  
CORES E ESTAMPAS  
EM FORMAS SENSUAIS

**A DELICIOSA  
COZINHA  
PANTANEIRA**

**MEMÓRIA**  
AS 100  
MULHERES  
DO SÉCULO

**Bloch**  
Nº 852  
SETEMBRO DE 1990  
CR\$ 650,00

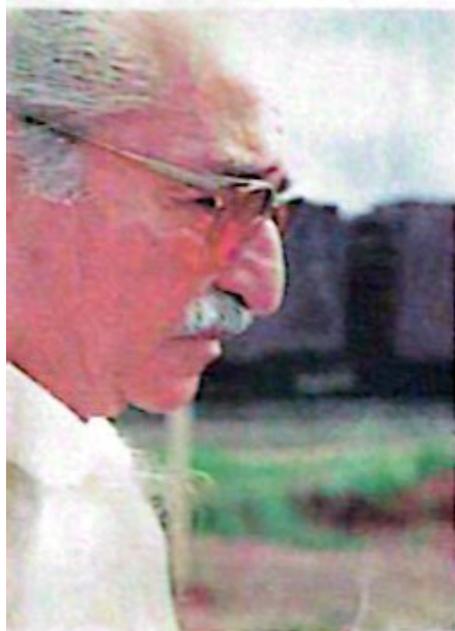
Manaus, Boa Vista, Altamira, Sa

**Ploch**

Nº 252

SETEMBRO DE 1990

Cr\$ 250,00



EM 1988, A REDE MANCHETE APRESENTOU NA SÉRIE PANTANAL, DE WASHINGTON NOVAES, IMAGENS SUAVES, FEITAS DE UM BALÃO, DE UM BRASIL DESCONHECIDO E MARAVILHOSO. ALI SE DESVENDAVA TAMBÉM UM POUCO DA POESIA DE MANOEL DE BARROS, COTADO NOS MEIOS LITERÁRIOS COMO UM DOS MAIORES POETAS BRASILEIROS

“O Pantanal não tem limites” — escreveu Manoel de Barros, que também os ignora em sua poesia. Para José Maria Cançado, ele cumpre, no Pantanal de Mato Grosso, a operação secreta para transformar a terra. Aprendeu com Klee e Rimbaud que as regras do jogo estavam completamente mudadas. Mas mesmo trabalhando secretamente, a obra deste premiado autor de nove livros começa a ser descoberta pelo grande público. Há muito o poeta é reconhecido nos meios literários. A professora Aurora Berardini, da USP, compara sua obra apenas à de Viélimir Khlebnikov, da vanguarda russa, con-

## PANTANAL

Foto: Anna Accoly

# MANOEL DE BARROS O POETA

siderado por Jakobson o poeta mais original do século. Já Ênio Silveira, da Civilização Brasileira, afirma que “Manoel de Barros tem para a poesia o mesmo impacto que Guimarães Rosa teve para a prosa brasileira”. O editor lançará, em outubro, as Obras Quase Completas do poeta. O livro reúne toda a sua literatura publicada, com ilustrações de Poty, um estudo da professora Berta Waldman, da Unicamp e ainda entrevistas com Manoel. Ele, entretanto, dificilmente comparecerá ao lançamento: é avesso a festas e badalações e confessa um medo terrível de câmaras e gravadores. Prefere ficar tranquilo no Pantanal, onde nasceu há 75 anos. Pé no chão, ele cresceu entre currais e as coisas desimportantes que marcariam sua obra para sempre. “Ali, o que eu tinha era ver os movimentos, a atrapalhão dos pequenos animais, das formigas, caramujos, legatixes. Era o apogeu do chão e do pequeno.” Mais tarde, foi para o colégio interno, no Rio de Janeiro, onde “os desvios linguísticos, os erros praticados para enfeitar frases, os coices na gramática dados por Camilo, Vieira, Camões, Bernardes me empolgavam. Descobri que prestava era pra aquilo: ter orgasmo com as palavras”. Mas foi ao ler *Une Saison en Enfer*, de Rimbaud, que ganhou a noção de liberdade total, o *dérèglement des sens*: “eu queria ouvir isso de alguém, partir para a agramaticalidade. Me deu alento para romper algumas fronteiras. Fiz uma leitura mu-

lto apaixonada de Rimbaud, Baudelaire e Apollinaire. Eles me provocavam para passar dos limites.”

A volta ao Pantanal, depois de morar no Rio e em Nova Iorque, representou sua emancipação da poesia urbana. Entre as vazantes de os corixos, onde “as coisas não acontecem, só desacontecem”, o poeta está “mais perto do chão”. Lá, sua obra pode ser, paradoxalmente, mais universal. “Aqui, no Pantanal, não aceitamos a estrada. O bugre entra pelos desvios. É neles que encontra a surpresa.” Tudo isso se reflete na sua poesia: “talvez minha escrita em versos seja de uma verdez primal, um sentimento bugral de meus ancestrais andando pelas florestas, que eu consigo dominar com erudição”. O resultado é surpreendente: para o filólogo Antônio Houaiss, “seu manejo das palavras reserva surpresas até mesmo para quem está acostumado a lidar com elas. Sua originalidade sem par é dificilmente encontrada na poesia universal”.

A falta de limites aprendida com Rimbaud é aplicada, no entanto, apenas à sua poesia. Na vida pessoal, o tímido Neginho, como é conhecido, preservou todos os valores: a estabilidade de um casamento feliz com Stela (“minha guia de cego”), a alegria dos filhos e dos netos, a prosperidade das fazendas, o bem-querer dos amigos. Todos os dias, ele acorda cedo, toma guaraná em pó e entra em seu escritório, na agradável casa

em Campo Grande, às 7 horas. Fica por lá exatas quatro horas, “sendo inútil”. Isto é: “descascando palavras até o caroço de cada uma.” Anota a lípis tudo o que sente em pequenos cadernos que ele mesmo fabrica, com folhas soltas grampeadas em capas recortadas de revistas de arte. Para cada livro, utiliza 30, 40 “cadernos do caos”, como diz. Um caos organizado pela visão do poeta: “preciso imprimir vontade estética sobre esse material. No meu caderno, a lua encosta uma casa no morro — e a dorme. Existem muitas mágicas desse tipo.” Depois do almoço, ele vai para seu escritório de fazendeiro. Duas paradas obrigatórias: o Bar do Zê e o Armazém do Troncoso, para ver os amigos. “Converso fiado com as pessoas e os muros. Volto para casa às 6 horas, com um embrulho de pão debaixo do braço. De noite, faço o que os outros fazem: corto unha, puxo válvulas, vejo novelas. Inclusive Pantanal. Acho certo os atores tomarem banho nus: não estão no Paraíso?” Mesmo quando vai para o Rio, uma vez por ano, a rotina de trabalho é a mesma. Mas há, às 11 horas, uma caminhada pela praia do Leblon e, ao meio-dia, o encontro com Stela, sempre no mesmo bar, para um chopinho. E todas as tardes, um teatro ou cinema. Quando jovem, fez um curso sobre pintura e cinema em Nova Iorque. Ama cinema, “mas com tela grande, sala escura e gente quieta ao meu lado”. Chaplin sempre o encantou. Como também Kurosawa, Fellini, Jarmush e Buñuel, para quem “as evidências não interessam”. Para ele também, as evidências são limites a transpor. Afirma que o compromisso do poeta não é com a verdade, mas com a verossimilhança. Comunica-se com as coisas “por emanações, por aderências, por incrustações” e entre outras mágicas, “boto rios no bolso, prendo silêncios com fivela”. Para quem

quer segui-lo, Manoel dá uma pista. "Não há de ser com a razão, mas com a inocência animal que se enfrenta um poema". E ainda: "eu escrevo com o corpo. Poesia não é para compreender, mas para incorporar. Entender é pare-  
de. Procure ser uma árvore." O desafio é proposto carinhosamente. De tudo o que digo, 90% é invenção e 10% é mentira mesmo — inclusive isso." E sorri para disfarçar a timidez que o deixa de mãos frias, principalmente perto de quem admira muito. "Certa vez voltei da porta de Manoel Bandeira. Bati na porta de seu apartamento, no Rio, e fiquei aguardando, trêmulo de emoção. Como o poeta demorasse a abrir a porta, desci correndo os sete andares, com o pulso a 120, decerto."

Ⓛ Sobre seus autores preferidos, "me agrada mais aqueles que se atrevem, que aqueles que se atêm. Me encanto com os palhaços que se aproveitam das bobagens para pungir as verdades". Em seu processo de criação, Manoel garante que a palavra o chama, se oferece e ele a toma: "as palavras querem me ser. Sempre tive um relacionamento voluptuoso com a palavra, quase depravado." E assim a transforma: "o sentido normal da palavra não faz bem ao poema."

Manoel gosta que falem sobre sua poesia — "incho de orgulho", confessa encabulado. Mas se define "uma senhacera só" como pessoa, o que não é verdade. Encanta a todos os que dele se aproximam por sua afabilidade, sua alegria, seu humor fino.

Ⓛ Enquanto prepara seu novo livro, um trabalho entre "meu gozar e meu gemer", se confessa "empolgado e com medo de não dar conta. Todas as minhas coisas parece que se conformam no último dia, no instante de mandar ao editor. Mesmo assim, me restam as incertezas. Que dor!" E que alegria para seu público, cada vez maior. (Anna Acioly)

